

Editorial

A Educação na encruzilhada: Realidades digitais, desigualdades persistentes e novos paradigmas

Cara comunidade acadêmica de leitores,

Esta edição de nossa revista ergue-se como um mosaico deliberado, onde cada peça investigativa ilumina uma faceta crítica do complexo panorama educacional contemporâneo. Os oito artigos aqui reunidos, juntamente com a conferência final, não constituem uma coleção aleatória, mas um itinerário reflexivo cuidadosamente disposto. Este percurso nos guia desde a transformação concreta das salas de aula rumo aos desafios humanos mais profundos, passando pelos marcos de gestão e os imperativos éticos, para culminar em uma reflexão fundamental sobre os próprios alicerces do saber. A sequência proposta —de Schneeweile a Medina Borges— não é cronológica, mas conceitual, revelando um diálogo intrínseco entre o digital, o humano, o organizacional e o filosófico.

Abrimos este diálogo no terreno da prática imediata. O estudo de **Manuel Schneeweile** sobre a plataforma **PrimOT** na França nos situa no coração da digitalização cotidiana do ensino primário. Sua análise demonstra uma adoção ampla e uma integração efetiva desse espaço digital de trabalho, normalizando seu uso nas rotinas pedagógicas. Este sucesso, contudo, não é um ponto final, mas um ponto de partida que imediatamente nos obriga a olhar além da ferramenta.

Porque a tecnologia é implementada em contextos humanos complexos. A reveladora revisão sistemática de **Celia Gallardo Herrerías** sobre a **relação entre a criança com TDAH e o entorno familiar** nos recorda com contundência que o processo educativo transcende o espaço digital ou físico; arraíza-se em dinâmicas emocionais e relacionais bidirecionais. O ciclo de emocionalidade negativa, estilos parentais e sintomatologia clínica descrito evidencia que qualquer inovação pedagógica —incluindo as digitais— deve ser sensível ao bem-estar psicossocial do estudante e seu sistema de apoio. Não se pode otimizar o ensino sem compreender essas interdependências fundamentais.

Precisamente, a eficácia da ferramenta digital quando o contexto humano é considerado fica robustecida pela pesquisa de **María Elena Di Tillio Cárdenas e Luis Alejandro Lobo Caicedo**. Sua avaliação quantitativa confirma que a aplicação pedagógica das TIC em disciplinas como Geografia e História favorece significativamente o rendimento acadêmico. Este achado empírico valida a direção apontada por Schneeweile, mas, assim como ele, seus autores advertem: o sucesso depende da formação docente e da adequação estratégica. A ferramenta é potente, mas sua potência é canalizada pela competência profissional e pela consciência do contexto.

Diante dessa realidade de salas digitalizadas e realidades humanas complexas, surge a pergunta pela liderança que pode conduzir essas transformações. A pesquisa de **Beisy Lisbeth Romero Luzardo** sobre a **Gestão Educacional Consciente** oferece uma resposta paradigmática. Em um mundo BANI (Frágil, Ansioso, Não linear, Incompreensível), propõe transcender os modelos gerenciais tradicionais rumo a uma **Administração Educacional Transpessoal Consciente**. Esta abordagem cultiva uma liderança ética, resiliente e colaborativa, que integra a atenção plena e o desenvolvimento humano integral. É o marco necessário para gerir instituições que devem simultaneamente integrar tecnologia

(como a PrimOT), acolher diversidades (como nos casos de TDAH) e potencializar a aprendizagem (mediante TIC), tudo com sabedoria e adaptabilidade.

Como se traduz essa liderança consciente na prática cotidiana da gestão? O estudo de **Deinny José Puche Villalobos e Javier Fernando Acosta Faneite** em Maracaibo aporta uma peça crucial ao demonstrar, com evidência quantitativa, a correlação positiva entre os **indicadores de gestão e a efetividade na tomada de decisões**. Para os dirigentes, essa relação é particularmente forte. A gestão consciente não prescinde dos dados; os requer e os humaniza. Os indicadores são a bússola, mas a consciência é a capacidade de navegar com ela em águas turbulentas.

A excelência na gestão e na docência deve, por sua vez, sustentar-se na qualidade do conhecimento que se gera e se transmite. O trabalho de **Jossarys Gazo Robles** sobre a avaliação da **qualidade investigativa dos docentes universitários** desde a eficiência, eficácia e efetividade, situa a pesquisa como o pilar fundamental do ecossistema educacional. Sem uma produção científica rigorosa, as ferramentas digitais, as estratégias inclusivas e os modelos de gestão carecem de um substrato de conhecimento válido e confiável.

Avançando nessa camada de pensamento crítico, a análise de **Thais Raquel Hernández Campillo** sobre **alfabetização em inteligência artificial e curadoria de conteúdos** na França aponta o horizonte de complexidade que enfrentamos. Não basta usar tecnologia (Schneeweile) nem medir seu impacto (Di Tillio e Lobo); agora é imperativo desenvolver uma competência crítica e ética para interagir com sistemas de IA. A curadoria de conteúdos emerge como a habilidade chave para discriminar, contextualizar e dotar de sentido a informação em um entorno mediado por algoritmos. É o antídoto necessário contra a desinformação e a superficialidade.

18

Contudo, toda essa conversa sobre vanguarda digital e pensamento crítico pode parecer abstrata quando contrastada com realidades onde o básico está em xeque. A reflexão de Mário Adelino Miranda Guedes sobre o acesso à educação primária em Angola é um lembrete ético ineludível. O dado de 22% de exclusão escolar nos confronta com a desigualdade persistente como o maior desafio educacional global. Os fatores socioeconômicos, geográficos e de saúde que limitam o acesso em Angola e em tantos outros lugares exigem que qualquer paradigma inovador inclua, como primeiro mandato, a luta pela equidade. Não se pode debater sobre IA enquanto milhões de crianças nem sequer têm uma sala de aula.

Finalmente, para dar coerência e profundidade a este mosaico de realidades —digitais, emocionais, gerenciais, críticas e desiguais— recorremos à conferência de **Rosa María Medina Borges**, “**Filosofía ou Filosofías?**”. Seu questionamento radical ao cânone único e sua defesa da pluralidade de saberes nos proporcionam o marco filosófico último. A educação na encruzilhada não precisa de uma resposta monolítica, mas da capacidade de dialogar com **múltiplos paradigmas**. Sua reflexão valida a coexistência e o diálogo necessário entre a eficácia tecnológica, a sensibilidade humana, a gestão consciente, o rigor investigativo, a alfabetização crítica e a justiça social.

Em conclusão, a sequência desta edição nos revela uma viagem da ferramenta rumo ao sentido. Mostra que a realidade digital (Schneeweile, Di Tillio e Lobo, Hernández Campillo) é inseparável da realidade humana (Gallardo Herrerías, Miranda Guedes), e que ambas requerem novos paradigmas

de gestão (Romero Luzardo, Puche e Acosta) e exercício profissional (Gazo Robles), tudo sob um olhar filosófico plural e crítico (Medina Borges). A encruzilhada não é um beco sem saída, mas um cruzamento de caminhos onde a direção a tomar dependerá de nossa capacidade para integrar, com sabedoria e justiça, todas essas dimensões. Os artigos aqui apresentados não apenas diagnosticam esta encruzilhada, mas oferecem valiosas luzes para transitar por ela.

Dr. Omar Escalona Vivas

<https://orcid.org/0000-0003-2560-0339>